

Sergio Gomes (org.)

**A ATUALIDADE DO  
PENSAMENTO DE  
D. W. WINNICOTT**



INM Editora



*A atualidade do pensamento de*  
**D. W. WINNICOTT**



*A atualidade do pensamento de*  
**D. W. WINNICOTT**

ORGANIZAÇÃO  
Sergio Gomes



Copyright © 2023 Sergio Gomes

Todos os direitos desta edição são reservados à INM Editora. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida, seja por meio impresso ou digital, sem a permissão prévia da INM Editora, de acordo com a Lei Nº. 9.610/98. Foi realizado o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com a Lei Nº. 10.994, de 14 de Dezembro de 2004 e a Lei Nº. 12.192, de 14 de Janeiro de 2010.

*Edição:* Sergio Gomes e Bruno Ricardo Gomes

*Tradução:* Heci Regina Candiani

*Revisão Técnica:* Sergio Gomes

*Preparação:* Priscila Calado

*Revisão Textual:* Priscila Calado

*Capa e Diagramação:* Negrito Produção Editorial

*Créditos da Foto:* Shutterstock

*Preparação da Imagem:* Caren Dantas

*Diretor Comercial:* Bruno Ricardo Gomes

*Secretaria:* Nawana Taranto

*Marketing:* Lyvia Gomes

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, 5ª. Edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, de março de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

A Atualidade do pensamento de D. W. Winnicott / organização Sergio Gomes. – 1. ed. – Rio de Janeiro : INM Editora, 2023.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-85823-02-9

1. Neuroses. 2. Psicanálise. 3. Psicoses. 4. Winnicott, D. W., 1896-1971.

I. Gomes, Sergio.

23-178234

CDD-150.195

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicanálise : Psicologia 150.195

Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

INM Editora

Avenida Pasteur, 184/1003

Botafogo – Rio de Janeiro-RJ

CEP: 22290-240

Tel.: (21) 97372-6671

contato@inmeditora.com.br

inmeditora.com.br

*Em nenhum campo cultural é possível ser original,  
exceto numa base de tradição.*

DONALD W. WINNICOTT  
*A localização da experiência cultural*





## Notas dos Editores

Os textos reunidos nesta coletânea, em sua grande maioria, foram originalmente publicados em periódicos nacionais em língua portuguesa ou em periódicos internacionais, em inglês ou francês. Para esta edição, adotamos a seguinte sistemática: todos os artigos publicados anteriormente pelas normas da APA (American Psychological Association), como é de praxe nos periódicos de psicologia e psicanálise, foram alterados para as normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).

Alguns autores, a exemplo de Jan Abram, Thomas H. Ogden, Ofra Eshel e Deborah Anna Luepnitz, fazem referência ao ano da edição e não ao ano da publicação original dos textos citados, de acordo com as normas editoriais dos periódicos cujos artigos foram publicados à época.

Assim, para os artigos em inglês e francês, preferimos não alterar as datas originalmente publicadas dentro dos capítulos, mas indicamos, sempre quando foi possível encontrar, as referências das edições brasileiras publicadas e divulgadas no Brasil, de artigos e livros, sem prejuízo para a compreensão do leitor brasileiro. Corrigimos também algumas datas no que se refere, principalmente, às referências de Donald W. Winnicott com alguma imprecisão por parte de alguns autores, mas mantivemos o texto dos artigos na íntegra.

Atualmente, as edições dos livros de Donald W. Winnicott encontram-se publicadas pelas editoras Imago, Martins Fontes, Artmed e, mais recentemente, pela Ubu Editora, detentora dos direitos autorais dos livros de Winnicott no Brasil. Utilizamos preferencialmente as edições da Ubu para referenciar os livros e artigos do psicanalista inglês nesta edição. Quando não foi possível, utilizamos as edições já consagradas no mercado editorial brasileiro.

No que se refere à tradução de alguns conceitos de Donald W. Winnicott, a exemplo das palavras “*self*” e “*concern*”, adotamos a seguinte sistemática nesta edição: a palavra *self* aparece traduzida ao longo dos capítulos de duas formas: ou como “*si mesmo*” ou como “*self*”, na língua original em inglês, mantendo a forma como os autores preferiram traduzir a expressão “*self*” em inglês.

O mesmo ocorre com o uso da palavra *concern*: nesta coletânea, ela foi usada pelos autores como um anglicismo — *concernimento* ou *concernência*, já difundido em algumas publicações correntes no Brasil em artigos e livros, e como *consideração*, de acordo com a nova tradução das obras de Donald W. Winnicott realizada pela Ubu Editora.

Em relação às traduções dos títulos de livros e de artigos em inglês de Donald W. Winnicott, sempre quando foi possível, recorreu-se às traduções das edições mais recentes, publicadas pela Ubu Editora. Quando não foi possível, recorreu-se às traduções já consagradas das obras de Winnicott editadas pela Martins Fontes, Artmed e Imago no Brasil.

Acreditamos que, com isso, auxiliamos o leitor na sua pesquisa bibliográfica dos textos de seu interesse.

BRUNO RICARDO GOMES

SERGIO GOMES

*Editores*

# Sumário

Prefácio: A atualidade e a originalidade de um pensamento clínico – <i>Sergio Gomes</i> . . . . .	II
Apresentação: A importância do pensamento winnicottiano no Brasil e o Winnicott que habita em mim – <i>Sueli Hisada</i> . . .	25
1. Donald Woods Winnicott (1896-1971): uma breve introdução – <i>Jan Abram</i> . . . . .	29
2. O falso <i>self</i> como origem do sofrimento psíquico: considerações winnicottianas acerca da homossexualidade – <i>Alexandre Patricio de Almeida</i> . . . . .	93
3. Importâncias, divergências e continuidade das presenças materna e paterna no amadurecimento do indivíduo a partir da dinâmica do reconhecimento – <i>Stephanie Brum e Carlos Augusto Peixoto Júnior</i> . . . . .	117
4. O verdadeiro <i>self</i> em Winnicott e a questão da identidade – <i>Lucas Bulamah e Daniel Kupermann</i> . . . . .	143
5. A “voz” do colapso: sobre enfrentar a insuportável e traumática experiência do trabalho psicanalítico – <i>Ofra Eshel</i> . . . . .	165
6. A etiologia das neuroses em Donald W. Winnicott – <i>Sergio Gomes e Nelson Ernesto Coelho Júnior</i> . . . . .	211

7.	O fazer analítico nos dias atuais – <i>Ana Lila Lejarraga</i> . . . . .	243
8.	O nome da Piggle: reconsiderando um caso clássico de Winnicott à luz de algumas conversas com a Gabrielle adulta – <i>Deborah Anna Luepnitz</i> . . . . .	263
9.	O lugar do manejo na psicanálise das psicoses segundo D. W. Winnicott – <i>Alfredo Naffah Neto</i> . . . . .	307
10.	O ritmo e a pausa – <i>Neyza Prochet</i> . . . . .	321
11.	O que viver significa: sobre os objetos e fenômenos transicionais de Winnicott – <i>Thomas H. Ogden</i> . . . . .	331
12.	Fantasia, criatividade e realidade no pensamento de Winnicott – <i>Carlos Alberto Plastino</i> . . . . .	367
13.	A necessidade de criar e o pensamento de D. W. Winnicott – <i>René Roussillon</i> . . . . .	401
14.	O ‘holding’ como uma possibilidade do vir a ser escritor: um diálogo entre Kappus e Rilke – <i>Alexandre Patricio de Almeida e Filipe Pereira Vieira</i> . . . . .	413
	Sobre os autores . . . . .	435

# Prefácio – A atualidade e a originalidade de um pensamento clínico

SERGIO GOMES

Em uma conversa com Donald W. Winnicott, o psicanalista Harry Guntrip certa vez perguntou qual era a diferença entre o trabalho de Freud e o trabalho dos analistas pertencentes ao *Middle Group* ou Grupo Independente. Winnicott respondeu-lhe com a simplicidade que lhe era característica: “Nós diferimos de Freud. Ele queria curar sintomas. Nós estamos preocupados com pessoas vivas, vivendo e amando por inteiro” (Guntrip, 1975, p. 403).

Harry Guntrip havia feito dois períodos de análise: uma com o psicanalista escocês Ronald Fairbairn e uma outra com Winnicott, no qual foi submetido ao que o psicanalista inglês definia como regressão à dependência. O subtítulo do artigo de Guntrip “*Quão completo é o resultado atingido por uma terapia psicanalítica?*”, se refere especificamente aos estágios de regressão atingidos pelo processo analítico na análise com o seu segundo analista, Winnicott, por conta de um trauma sofrido por Guntrip aos três anos e meio de idade. Ele afirma ainda que, segundo Fairbairn, se não fosse esse trauma ele não teria se constituído um analista, conforme atestam as palavras do próprio Fairbairn: “Eu não posso imaginar o que levaria um só de nós a tornar-se psicoterapeuta se não tivéssemos tido nossos próprios problemas” (Guntrip, 1975, p. 384).

Tanto Fairbairn quanto Winnicott eram psicanalistas habilidosos, e conheciam a importância das primeiras relações entre a dupla mãe-bebê e o manejo de aspectos do trauma na vida primitiva do paciente, o qual precisa ser revivido no *setting* com um analista implicado e empático, motivo este que os fizeram ficar conhecidos como teóricos das relações de objeto.

Winnicott havia atendido mais de sessenta mil crianças ao longo do seu trabalho profissional, com sessões que se constituíram desde “consultas terapêuticas” a “análises conforme a demanda”, tal como é reconhecido no seu livro *The Piggle* (Winnicott, 1979). No entanto, Winnicott também é referido como o analista de pacientes difíceis, cujo trabalho se refere ao adoecimento psíquico de personalidades *borderlines*, psicóticos, psicossomáticos, esquizoides, assim como ressaltou um lugar privilegiado do brincar com crianças e adultos na relação terapêutica, constituindo uma *teoria da clínica* com modificações no enquadre e ressaltando os aspectos humanos e empáticos na relação com o paciente (Winnicott, 1991; 1971a; 1971b).

Porém, suas divergências com as teorias freudianas — especificamente no que se refere à metapsicologia e ao dualismo pulsional, por um lado, e à técnica usada para o tratamento dos pacientes, por outro, foram sendo revistas por Winnicott aos poucos e se diferenciando do seu mestre vienense, assim como da influência de Melanie Klein, sua primeira supervisora.

Em 1967, quatro anos antes do seu falecimento, Winnicott fez uma palestra no Clube 1952, uma sociedade de analistas britânicos mais antigos que se reuniam para discutir a clínica, revendo sua própria história como pediatra e psicanalista, com autores que o influenciaram, como Ronald Fairbairn, Sándor Ferenczi, além de Sigmund Freud e Melanie Klein, afirmando:

De início, soube que — tal como todos, imagino, nesta sala — assim que descobri Freud e o método que ele nos deu para investigação e tratamento, estive de acordo com ele. [...] Se houver algo que eu faça que *não*

*seja* freudiano, gostaria de sabê-lo. Não me importa que não seja, mas apenas acho que Freud nos forneceu este método que podemos usar e não importa ao que ele nos conduz. O ponto é que ele nos leva a coisas; trata-se de uma maneira objetiva de examinar as coisas e é para pessoas que podem ir até algo sem ideias preconcebidas, o que, em certo sentido, é a ciência (Winnicott, 1967a, p. 437, grifo do autor).

Winnicott, ao mesmo tempo que paga um grande tributo a Freud, também diverge do seu mestre ao esboçar suas próprias ideias. Na sequência do mesmo artigo, ele ainda afirma:

No começo, lá estava eu, aprendendo a fazer análise como um pediatra que havia tido uma tremenda experiência de escutar pessoas a falar sobre bebês e crianças de todas as idades e havia tido grande dificuldade de ver um bebê sequer como humano. Foi somente através da análise que gradualmente tornei-me capaz de ver um bebê como um ser humano (Winnicott, 1967a, p. 437).

Vejam bem, Winnicott afirma que na sua experiência profissional, a análise muda a nossa forma de ver o mundo e as pessoas que nos cercam, habilitando-o a perceber coisas que ele antes não havia conseguido sem a experiência analítica. Isto parece ser uma coisa bem simples de se dizer, mas não é. Conforme todos nós sabemos, a análise é um processo que busca mudar coisas dentro do nosso mundo interno, descongelar estados afetivos que nos impede de ter uma vida relativamente bem vivida, o que é completamente diferente dos objetivos freudianos, qual seja, transformar os conteúdos inconscientes em conteúdos conscientes. O objetivo de uma análise, certamente, é a cura. E o que vai proporcionar isso é o encontro do analista com seu paciente, um encontro singular, com vistas a uma experiência verdadeira e à mudanças.

Na continuidade do artigo, Winnicott vai descrevendo como sofreu influência, aqui e ali, das pessoas com as quais ele passou a ler,

estudar, fazer supervisão, mudando a perspectiva do intrapsíquico para o interpessoal, percebendo a importância dos objetos em nosso mundo interno, bem como a importância da mudança das relações pré-objetais para as relações entre duas pessoas, antes mesmo do estabelecimento das relações triádicas ou edípicas, ou como ele mesmo diz, “o que aconteceu foi que comecei a ficar mais interessado pelo *meio ambiente* [humano], e isto conduziu a *algo em mim*” (Winnicott, 1967b, p. 438, grifo e acréscimo meus). O *meio ambiente* referido é tudo o que está no entorno do bebê, à medida que a família se prepara e se adapta às suas necessidades na condição de recém-chegado no mundo. Quando Winnicott diz que isto conduziu a algo nele, ele quer dizer que prestou mais atenção em si mesmo, na criança que o habita, nas suas próprias vulnerabilidades e nas influências do entorno ao bebê, conforme atesta sua percepção acerca do texto do poeta indiano Tagore, citado em *A localização da experiência cultural*: “Nas margens de mundos infinitos, crianças brincam” (Winnicott, 1967b, p. 133)<sup>1</sup>. Conforme o autor afirma, esse poema sempre o intrigou até a sua adolescência, porque não fazia ideia do que poderia significar, deixando-lhe marcas até sua vida adulta. Quando se tornou um psicanalista freudiano, diz ele:

*Soube* o que ela significava. O mar e suas margens representavam uma relação infinita entre o homem e a mulher, e a criança emergiu dessa união, para dispor de um breve momento antes de se tornar adulta ou pais. Depois, como um estudioso do simbolismo inconsciente, eu *soube* (sempre se *sabe*) que o mar é a mãe e em suas margens a criança nasce. [...]. Assim, as margens era o corpo da mãe, após a criança nascer, e a mãe e o bebê, agora viável, estavam começando a se conhecer mutuamente (Winnicott, 1967b, p. 133-134, grifos do autor).<sup>2</sup>

1. O texto original em inglês é: “*On the seashore of endless worlds, children play*”.
2. Preferi usar a referência do texto original em inglês, no poema de Tagore, no qual as palavras “mar” (*sea*), “mãe” (*mother*) e “margens” (*seashore*), são enfatizadas por Winnicott



Winnicott pode perceber que um processo analítico se tratava de um encontro para uma relação a dois, dificultado pelos processos maturacionais traumáticos os quais impediram o desenvolvimento emocional primitivo. A passagem do intrapsíquico e do mental, com o objetivo de transformar em consciente o que era inconsciente, e vencer o recalque e a censura como mecanismos de defesa privilegiados por Freud, na experiência clínica de Winnicott deu lugar a uma relação terapêutica para descongelamento de áreas até então congeladas na interação mãe-bebê quando experienciada de modo traumática durante a dependência absoluta. O objetivo desta mudança de perspectiva é restituir a saúde psíquica por meio de processos de empatia, menos interpretação e mais acolhimento por parte do analista, o uso do brincar com jogos e palavras na sessão terapêutica e a possibilidade de poder sentir o paciente dentro de si. Assim, sai de cena o analista neutro e com pouca aderência ao paciente, isolado na sua poltrona e pouco falante, e entra em cena o analista implicado com o adoecimento psíquico do seu paciente. Nesse sentido, não deixamos de lado nossa capacidade empática e muito menos a transferência-contratransferência, imprescindíveis para a relação terapêutica e o desenvolvimento de uma análise.

O analista, nessa perspectiva, se propõe a ser a primeira pessoa que pode reconhecer seu paciente e escutá-lo sem desmenti-lo ou desacreditá-lo, mas se tornando testemunha do seu sofrimento e do seu trauma, ou dito de outro modo, o analista vai ao encontro do seu paciente, possibilitando reparar áreas dos psiquismos que ficaram cindidas, fragmentadas, congeladas e isoladas, sem possibilidade de elaboração, de modo a poder oferecer uma reparação por meio da regressão à dependência. Enfim, sai de cena o analista-pai e entra em cena o analista-mãe, independentemente do gênero o qual pertença.

às origens arcaicas do ser humano, já evidenciado na literatura psicanalítica realizada por Sándor Ferenczi no seu livro *Thalassa: ensaio sobre a teoria da genitalidade*.

Winnicott, com sua clínica, demonstrou a importância do papel do ambiente humano no cuidado com o bebê, assim como no cuidado com o paciente, pois,

parece impossível falar a respeito do indivíduo sem falar sobre a mãe, porque, em minha opinião, a mãe ou a pessoa que se encontra no lugar dela é um *objeto subjetivo* — em outras palavras, *não foi objetivamente percebido* — e, portanto, a maneira pela qual a mãe se comporta faz realmente parte do bebê (Winnicott, 1967a, p. 441, grifos meus).

Não é à toa que, nas últimas décadas, inclusive no Brasil, o pensamento clínico de Donald W. Winnicott tenha sido recuperado pelos psicanalistas como um autor atual e que se presta não só à clínica de pacientes difíceis, como também à clínica com crianças e com sujeitos de adoecimento psíquico neurótico, pois não há como ser original sem recorrer à tradição. Nesse sentido, o número de publicações em torno do seu pensamento tem aumentado consideravelmente nos últimos anos, tornando-o um autor mais do que necessário na formação de psicanalistas na contemporaneidade, e até mesmo autores de outras áreas têm feito uso das teses winnicottianas, tanto na teoria política como nas questões identitárias, de raça, orientação sexual, de gênero e nas questões éticas (Benjamin, 2018, 1998, 1996; Honneth, 2005; 1992; Bowker e Buzby, 2017; Butler, 2005).

Portanto, a publicação deste livro é mais do que atual. Nele, o leitor encontrará tanto uma cartografia das teorias e da clínica winnicottianas quanto uma aplicação do seu pensamento em assuntos contemporâneos, renovando, por assim dizer, o pensamento de Winnicott, e fazendo-o permanecer vivo e atuante na clínica e na teoria psicanalítica.

Começamos com uma apresentação de Sueli Hisada sobre a importância do pensamento de Winnicott na psicanálise brasileira, para, em seguida, apresentarmos os capítulos dos autores convidados para esta coletânea.

No primeiro capítulo, a psicanalista inglesa Jan Abram apresenta o texto *Donald Woods Winnicott (1896-1971): uma breve introdução*, no qual a autora traça uma trajetória das teorias de Winnicott até 1971, ano do seu falecimento, para, em seguida, realizar um levantamento dos arquivos, das suas publicações e do projeto de publicação das suas obras completas (inclusive com textos inéditos<sup>3</sup>), concluindo com a apresentação de três fases do seu pensamento teórico.

No segundo capítulo, o psicanalista Alexandre Patricio de Almeida apresenta o texto *O falso self como origem do sofrimento psíquico: considerações winnicottianas acerca da homossexualidade*, no qual aborda o conceito do falso *self* como origem do sofrimento psíquico no que se refere à homossexualidade. Partindo de uma vinheta clínica e analisando a publicação de uma entrevista com o ator Marco Pigossi concedida à revista Piauí em janeiro de 2022, o autor tece considerações acerca da homossexualidade a partir do pensamento clínico de Winnicott.

No terceiro capítulo, Stephanie Soares Brum e Carlos Augusto Peixoto Júnior apresentam o texto *Importâncias, divergências e continuidade das presenças materna e paterna no amadurecimento do indivíduo a partir da dinâmica do reconhecimento*, no qual descrevem o desenvolvimento emocional primitivo a partir da dinâmica do reconhecimento nas teses de Jéssica Benjamin e Axel Honneth. Os autores consideram o estudo das diferenças entre as presenças materna e paterna como dotadas de funcionalidades distintas ao longo do processo de amadurecimento da criança.

No quarto capítulo, Lucas Bulamah e Daniel Kupermann apresentam o texto *O verdadeiro self em Winnicott e a questão da identidade*. O capítulo apresenta uma importante discussão acerca do tema da

3. *The Collected Works of D. W. Winnicott* (Obras Completas de D. W. Winnicott), em doze volumes, foi organizada e dirigida por Lesley Caldwell e Helen Taylor Robinson e publicada em 2016 pela Oxford University Press, ainda se encontram inéditas em português, e sem previsão de publicação no Brasil. Ver o texto de Jan Abram, *Donald Woods Winnicott (1896-1971): uma breve introdução*, no presente volume.

constituição da identidade como representante do pós-estruturalismo e do descentramento do sujeito freudiano. Os autores fazem um estudo sobre a noção winnicottiana de verdadeiro *self* no campo da teoria política, por meio de uma alternativa à postulação do psicanalista inglês como antagonista da desconstrução operada pela abordagem pós-estruturalista das identidades. A tese sustentada no capítulo é que o núcleo incomunicável do *self*, como uma instância indisponível à relação com objetos objetivos, faz com que o verdadeiro *self* seja compreendido tanto como representante de uma experiência primordial de indeterminação, na qual a distinção entre Eu e outro estão fundamentalmente excluídas, quanto como instância resistente à determinação identitária, característica da relação com objetos objetivos.

No quinto capítulo, a psicanalista israelense Ofra Eshel apresenta o texto *A “voz” do colapso: sobre enfrentar a insuportável e traumática experiência do trabalho psicanalítico*. Neste trabalho, a autora traça três grandes contribuições para a teoria do trauma e da compulsão à repetição: 1) a reformulação realizada por Freud no texto *Além do Princípio do Prazer*, a partir da metapsicologia do trauma e da compulsão à repetição de experiências e sonhos traumáticos; 2) a elaboração de Cathy Caruth baseada em uma história dramática no artigo de Freud sobre a “voz que clama, a voz que é liberada por meio da dupla ferida”; e 3) as ideias singulares de Winnicott sobre as agonias impensáveis e a experiência do colapso precoce o qual precisa ser revivido na situação analítica com vistas à cura.

No sexto capítulo, Sergio Gomes e Nelson Ernesto Coelho Júnior apresentam o texto *A etiologia das neuroses em Donald W. Winnicott*, no qual analisam primeiramente a etiologia das neuroses no texto freudiano, partindo das principais considerações sobre os mecanismos de defesa, o recalque, a sexualidade, o complexo edípico e o conflito psíquico, para depois propor uma nova etiologia das neuroses a partir da teoria das relações objetais em Donald W. Winnicott. Os autores não consideram apenas o conflito vivido em termos da dinâmica

psíquica, mas aquele vivido na dinâmica mãe-bebê, principalmente a partir dos polos opostos entre o amor e o ódio na travessia da consideração (posição depressiva). Os autores concluem que o manejo clínico de pacientes com sofrimento psíquico neurótico seja realizado a partir da psicanálise transmatricial ao propor, concomitantemente à associação livre, o uso da regressão à dependência a fases primitivas de falhas ambientais.

No sétimo capítulo, a psicanalista Ana Lila Lejarraga apresenta o texto *O fazer analítico nos dias atuais*, no qual aborda a radical transformação do fazer analítico no tratamento de casos graves e de etiologia traumática. Para tanto, a autora irá se utilizar das abordagens teóricas de Ferenczi, Balint e Winnicott que, apesar de suas diferenças, apresentam inegável continuidade teórico-clínica. Segundo Ana Lila, os três autores formulam que o trabalho terapêutico com esses pacientes não neuróticos deve se basear na confiabilidade do analista e na regressão ao ponto de origem das perturbações, propondo uma atitude analítica compreensiva e empática e enfatizando que o fator terapêutico mais importante é o relacional.

No oitavo capítulo, a psicanalista Deborah Anna Luepnitz apresenta o texto *O nome da Piggle: reconsiderando um caso clássico de Winnicott à luz de algumas conversas com a Gabrielle adulta*, no qual, por ocasião dos quarenta anos da publicação do livro, a autora faz uma releitura de *The Piggle* — um caso de “análise por demanda” com uma criança que sofria de terrores noturnos psicóticos — à luz de novas informações sobre a paciente. Neste trabalho, Deborah entrevista “Gabrielle” (nome verdadeiro de *A Piggle*) explorando duas áreas não consideradas por Winnicott: 1) a transmissão transgeracional da patologia/trauma, e 2) as formas como a linguagem, em geral, e os nomes próprios, em particular, organizam a subjetividade individual. A questão levantada pela autora é: até que ponto Winnicott — que descreveu o tratamento como “psicanálise partagée [compartilhada]” devido ao envolvimento dos pais — pensava na patologia em si como “compartilhada”? Deborah expande a compreensão de Winnicott do

caso, tomando emprestadas as ideias da obra de Lacan e de outros autores da psicanálise.

No nono capítulo, Alfredo Naffah Neto nos apresenta o texto *O lugar do manejo na psicanálise das psicoses segundo D. W. Winnicott*. O termo “manejo” (*handling*) se refere ao modo como a mãe ou o analista estendem o cuidado ao ambiente, fazendo deste um lugar confiável tanto na relação mãe-bebê como na relação analista-paciente. Considerando a clínica das psicoses em Winnicott como um lugar preponderante das falhas ambientais mais graves no curso do desenvolvimento emocional e da fase da dependência absoluta, o autor passa a descrever a regressão à dependência como recurso clínico no cuidado e no atendimento das necessidades egoicas com esse tipo de distúrbio psíquico. Leva-se em consideração o tempo estendido da sessão, o *holding* corporal, o manejo do ambiente e do ego auxiliar, a transferência e os processos de personalização do paciente durante o processo analítico.

No décimo capítulo, Neyza Prochet apresenta o texto *O ritmo e a pausa*, no qual a autora se refere à capacidade da mãe de estabelecer sincronicidade em relação às necessidades do bebê e às respostas do ambiente. Para tanto, há uma necessidade para a constituição de um ritmo constituído não só pela mãe, mas também pelo pai e pela família da criança, mas cabe ao pai autorizar a singularidade e a separação, ou seja, a pausa durante a relação mãe-bebê.

No décimo primeiro capítulo, Thomas H. Ogden apresenta o texto *O que viver significa: sobre os objetos e fenômenos transicionais de Winnicott*, no qual o autor faz uma leitura seminal do texto winnicottiano *Objeto transicional e fenômeno transicional*. Para Ogden, Winnicott está engajado em apresentar um modo de conceber a tarefa fundamentalmente humana de criar estados de ser nos quais ideias, sentimentos e sensações corporais do indivíduo fazem com que ela ou ele tenha a sensação de estar vivo e ser real. Assim, ele propõe que o conceito de paradoxo captura algo tanto da ideia como da experiência dos objetos e fenômenos transicionais, analisando a ilustração clínica

que Winnicott apresenta na quarta e última versão de seu artigo e discutindo o que percebe como a forma mais evoluída da prática clínica do psicanalista inglês. Ao final, Ogden apresenta uma vinheta clínica mostrando uma alteração significativa do enquadramento analítico no qual emerge um contexto em que o paciente é capaz de começar a experimentar sentimentos que lhe parecem reais e vivos.

No décimo segundo capítulo, o psicanalista Carlos Alberto Plastino apresenta o texto *Fantasia, criatividade e realidade no pensamento de Winnicott*, buscando pôr em discussão a ordem lógica e ontológica da psicanálise, a partir do pensamento metapsicológico freudiano — inconsciente, processo primário e afetividade, e o pensamento da psicanálise heterodoxa representada pelo pensamento winnicottiano. O autor objetiva mostrar o primado da fantasia e sua participação na construção do sentido de realidade, bem como o papel atribuído à criatividade nas teses de Donald W. Winnicott. Carlos Alberto mostra ainda como, a partir da singularidade da experiência clínica, a teoria winnicottiana prescinde dos postulados ontológicos, epistemológicos e antropológicos especulativos que embasam as concepções centrais do paradigma da modernidade e da metapsicologia freudiana.

No décimo terceiro capítulo, René Roussillon apresenta o texto *A necessidade de criar e o pensamento de D. W. Winnicott*, no qual, tomando sua liberdade de leitura sobre as teses do psicanalista inglês, disserta sobre o lugar da criação no processo de simbolização e a apropriação subjetiva da experiência vivida, articulando o pensamento de Freud ao pensamento de Winnicott.

Por fim, no último capítulo, Alexandre Patricio de Almeida e Filipe Pereira Vieira apresentam o texto *O holding como uma possibilidade do vir a ser escritor: um diálogo entre Kappus e Rilke*, no qual os autores discutem sobre o processo de escrita. Baseados no pensamento winnicottiano, os autores ressaltam os cuidados ambientais no processo de criatividade e na constituição do espaço potencial, utilizando-se, como exemplo, a troca de cartas entre os autores Kappus e Rilke.

Gostaria de agradecer aos editores dos periódicos *International Journal of Psychoanalysis*, *Contemporary Psychoanalysis*, *Le Carnet Psy*, *Cadernos de Psicanálise do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro*, *Psicologia em Revista*, *Revista Rabisco* e à *Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)* por autorizar a reprodução dos artigos apresentados nesta coletânea, alguns dos quais traduzidos pela primeira vez em português no Brasil, e aos autores que colaboraram com artigos inéditos para a constituição deste livro que agora chega às mãos do público.

Acredito que os trabalhos aqui apresentados atestam a atualidade do pensamento teórico-clínico de Donald W. Winnicott, ressaltando a riqueza do seu legado e da sua clínica, reforçando que a pesquisa psicanalítica winnicottiana, cinquenta anos depois da sua morte, ainda está apenas no início, pois, como disse certa vez T. S. Eliot, poeta de quem Winnicott mais gostava, no poema *Nada menos que tudo*,

T. S. Eliot: “Custando nada menos que tudo”

T. S. Eliot: “O que chamamos de começo é amiúde o fim

E chegar a um fim é chegar a um início.

É do fim que começamos”.

[Prece]

D. W. W – Oh, Deus! Possa eu estar vivo quando morrer”

(Winnicott, 1989, p. 3).

E Winnicott, com o seu legado, está mais vivo do que nunca!

## Referências

BENJAMIN, J. *Beyond doer and done to: recognition theory, intersubjectivity and the third*. New York: Routledge, 2018.

\_\_\_\_\_. *Like subjects, love objects: essays on recognition and sexual difference*. Yale: Library of Congress Cataloging-in-Publication Data, 1995.



- \_\_\_\_\_. *The Bonds of Love: Psychoanalysis, Feminism, & the Problem of Domination*. New York: Phanteon Books, 1998.
- BOWKER, M. H.; BUZBY, A. (Eds.). *D. W. Winnicott and Political Theory: recentring the subject*. New York: Palgrave Macmillan, 2017.
- BUTLER, J. (2005). *Relatar a si mesmo: crítica da violência ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- GUNTRIP, H. Minha experiência de análise com Fairbairn e Winnicott (Quão completo é o resultado atingido por uma terapia psicanalítica?), *Natureza Humana*, 8(2), 2006, p. 383-411].
- HONNETH, A. (2005). *Reificação: um estudo de teoria do reconhecimento*. Trad. Rúrion Melo. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- \_\_\_\_\_. (1992). *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2015.
- WINNICOTT, C. (1989). D. W. W.: uma reflexão In: Winnicott, D. W. *Explorações Psicanalíticas*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 1994, p. 1-13.
- WINNICOTT, D. W. (1991).  *Holding e interpretação*. Trad. Sônia Maria Tavres Monteiro de Barros. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- \_\_\_\_\_. (1978). *The Pige*: relato do tratamento psicanalítico de uma menina. Trad. Else Pires Vieira e Rosa de Lima Martins. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- \_\_\_\_\_. (1971a). *Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil*. Trad. Jose Marques Xisto Cunha. Rio de Janeiro: Imago, 1984.
- \_\_\_\_\_. (1971b). *O brincar e a realidade*. Trad. Breno Longhi. São Paulo: Ubu Editora, 2019.
- \_\_\_\_\_. (1967a). D.W.W sobre D. W. W. In: *Explorações Psicanalíticas*. Trad. José Octavio de Aguiar Abreu. Porto Alegre: Artmed, 1994, p. 433-443.
- \_\_\_\_\_. (1967b). The location of cultural experience. In: *Playing and reality*. London: Tavistock, 1971.

Cada vez mais há um amplo reconhecimento de que o pensamento de Winnicott apresenta um avanço substancial na teoria e na prática psicanalíticas. Como o próprio Winnicott certa vez escreveu, em nenhum campo cultural é possível ser original, exceto numa base de tradição. Isto fez com que André Green o colasse entre um dos mais originais autores da psicanálise depois de Freud. No presente volume, o leitor encontrará quatorze capítulos que circunscrevem a vida e a obra de Winnicott, tratando de temas como homossexualidade, a dinâmica do reconhecimento, o verdadeiro *self* e a questão da identidade, estudos sobre o colapso e o trauma, uma nova etiologia das neuroses, uma entrevista comentada com Gabrielle (*A Piggle adulta*), quarenta anos após a publicação do seu relato de análise, o fazer analítico, o lugar do manejo na psicose, questões sobre ritmicidade na clínica psicanalítica, uma análise sobre o viver a partir dos objetos e fenômenos transicionais, uma discussão sobre fantasia, criatividade e realidade em Freud e Winnicott, a necessidade do criar e a questão do holding na escrita. Todos os temas estão representados por textos seminais de autores como Sueli Hisada, Jan Abram, Alexandre Patricio de Almeida, Stephanie Soares Brum, Carlos Augusto Peixoto Júnior, Lucas Bulamah, Daniel Kuperman, Ofra Eshel, Sergio Gomes, Nelson Ernesto Coelho Júnior, Ana Lila Lejarraga, Deborah Anna Luepnitz, Alfredo Naffah Neto, Neyza Prochet, Thomas H. Ogden, Carlos Alberto Plastino, René Roussillon e Filipe Pereira Vieira.

